

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 161

Data: 12 de agosto de 1987

Pg.: _____

Jarbas Passarinho

190 Soberania restrita

Cheguei a molestar um renomado historiador amazônico porque, certa feita, discutindo sobre a cobiça internacional a respeito de nossa Amazônia, minimizei a ameaça. Tinha eu meus argumentos. Começava por lembrar que, enquanto lusos e brasileiros se bateram tantas vezes pela Colônia do Sacramento, na tentativa de ancorar, ao Sul, a baliza do Rio da Prata como possessão nossa, nem uma só batalha, digo melhor nem um só combate foi travado para que o rio Amazonas fosse o limite-Norte de nosso território. Tivemos escaramuças apenas. Chegamos depois dos «hereses», quando em 1616 Caldeira Castello Branco fundou Belém. Já por estas águas andavam, de há muito, os holandeses, com feitorias fortificadas na Ilha Grande de Gurupá. Os franceses já haviam se debruçado sobre o braço norte do Amazonas e construído fortaleza. Os ingleses competiam com eles. Só os portugueses estavam ausentes. Ainda assim, fundada Belém, Pedro Teixeira recebe o encargo de subir o rio e plantar seus padrões de posse tão longe quanto pudesse. E só não o fez nas praias do Pacífico porque um espanhol suspeito de suas intenções barrou-lhe os passos em Quito.

Muito mais tarde fomos nós que ocupamos o Acre e o negociamos com a Bolívia, naquilo que geopolíticos chamam de amálgama e maledicentes denominam de imperialismo... A Híléia Amazônica, tão combatida pelos nacionalistas epidérmicos, foi invenção total dos brasileiros, a começar pelo presidente Getúlio Vargas, no seu famoso discurso de Manaus, no início dos anos 40, quando con-

vidou todas as nações que tinham parte de seu território na Amazônia a sentarem-se a uma mesa comum, para discutir o seu destino. E olhe-se que havia, então, três enclaves imperialistas, as Guianas, às quais se dava o direito explícito de condôminos.

O episódio das concessões pode medir-se o seu perigo pelo que aconteceu entre nós com Fordlândia, que acabou nos revertendo a preço de banana. Quanto ao Projeto Jari, o mais recente e mais polêmico dos últimos tempos, está aí o resultado, sem que tivéssemos de enfrentar qualquer tipo de pressão imperialista.

Pois agora começo a preocupar-me, desde que os ecologistas europeus, especialmente, inventaram aquela história de que a floresta equatorial amazônica era o pulmão do mundo, a grande fábrica de oxigênio para que pudessem respirá-lo tranquilamente os povos industrializados, depois que eles arrasaram suas florestas e contaminaram definitivamente seus rios. Cientistas da mais alta reputação já provaram que a tese do «pulmão do mundo» é uma balela, pois a floresta consome ela própria o oxigênio que produz. O fato é que Cousteau se voltou como pesquisador para esta área. Mostrou-lhe as belezas naturais e embora dissesse que seu desmatamento ainda não é o que se apregoa, tanto bastou para levantarem-se vozes abalizadas, no mundo, para encetar uma campanha de salvação da Amazônia. Vamos vendo, aos poucos, a Amazônia transformar-se em patrimônio do Planeta.

Eis que acabam de surgir os austriacos, piedosamente preocupados com as «brutalidades e o

genocídio» a que seriam submetidos os índios brasileiros. Querem eles que os constituintes se dêem conta dessa brutalidade e dispensem aos índios o verdadeiro status de uma nação dentro da outra, o que por eufemismo chamam de soberania restrita. O Estado de S. Paulo, órgão da maior respeitabilidade da imprensa nacional, revela o que chama de conspiração, com uma dupla finalidade, por trás desse súbito interesse de religiosos e leigos estrangeiros para com as nações indígenas localizadas em território brasileiro. Assim é que as denominam, para justificar a tal soberania restrita. Equivaleria a compartilhar a jurisdição territorial com os índios, sem se perguntar quem os representaria para isso. Provavelmente as missões, que já em nossos tempos de oficial de Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia viamos com certas e justificadas reservas, pois muitos desses «missionários», em vez da Bíblia, usavam magnetômetro, em suas andanças. Provavelmente, também, haverá interesses escusos, de quem pretende paralisar as pesquisas minerais, para evitar concorrência.

Tranquiliza-nos, em parte, a posição do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) negando enfaticamente que esteja envolvido na conspiração da soberania restrita, mas que apenas propugna por um Estado puriétnico, contra o que nada se tem ou nada tenho eu como constituinte. Ao contrário, defendo o princípio da demarcação correta das reservas indígenas e sua exploração em benefício dos índios. Receio, sim, a piedosa preocupação dos defensores da soberania restrita.